

Capitalismo e dominação imperial: as limitações socioambientais de um modo de vida insustentável

Guilherme Pereira Cocato

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista

Resumo

Este texto objetiva expor as principais questões tratadas na obra “Modo de vida imperial: sobre a exploração dos seres humanos e da natureza no capitalismo global”, de Ulrich Brand e Markus Wissen, lançada no Brasil em 2021. Ressalta-se que o livro traz importantes contribuições para o debate atual acerca da crise ecológica global e do iminente colapso socioambiental que se torna cada vez mais palpável, caso não modifiquemos o curso de desenvolvimento de nossa sociedade. Nesse sentido, é indispensável que se coloque, tanto no cotidiano acadêmico quanto educacional em geral, reflexões críticas e significativas para o questionamento do modo de produção e acumulação vigente, bem como o modo de vida por ele gerado e que o sustenta. Esta é uma destas reflexões, que encontrará lastro material e necessidades urgentes impostas pela realidade desigual e degradante, nos âmbitos social e natural, que atinge quase que a totalidade dos territórios e povos do planeta.

Palavras-chave: Extrativismo. Colonialismo. Degradação. Territórios. Emancipação.

Resumen

Este texto tiene como objetivo exponer los principales temas abordados en la obra “Modo de vida imperial: sobre la explotación del ser humano y la naturaleza en el capitalismo global”, de Ulrich Brand y Markus Wissen, estrenada en Brasil en 2021. Es de destacar que el libro hace importantes aportes al debate actual sobre la crisis ecológica global y el inminente colapso socioambiental que se vuelve cada vez más palpable si no cambiamos el rumbo del desarrollo de nuestra sociedad. En este sentido, es fundamental colocar, tanto en la rutina académica como educativa en general, reflexiones críticas y significativas para cuestionar el modo actual de producción y acumulación, así como la forma de vida que genera y que lo sustenta. Esta es una de estas reflexiones, que encontrará sustento material y necesidades urgentes impuestas por la realidad desigual y degradante, en el ámbito social y natural, que afecta a casi todos los territorios y pueblos del planeta.

Palabras clave: Extractivismo. Colonialismo. Degradación. Territorios. Emancipación.

Abstract

This text aims to expose the main issues addressed in the work “Imperial way of life: on the exploitation of human beings and nature in global capitalism”, by Ulrich Brand and Markus Wissen, released in Brazil in 2021. It is noteworthy that the book makes important contributions to the current debate about the global ecological crisis and the imminent socio-environmental collapse that becomes increasingly palpable if we do not change the course of development of our society. In this sense, it is essential that critical and significant reflections be placed, both in academic and educational routine in general, to question the current mode of production and accumulation, as well as the way of life generated by it and that sustains it. This is one of these reflections, which will find material ballast and urgent needs imposed by the unequal and degrading reality, in the social and natural spheres, which affects almost all the territories and peoples of the planet.

Key words: Extractivism. Colonialism. Degradation. Territories. Emancipation.

Da mesma forma que o conceito de colonialidade passou a questionar a dominação colonial na esfera subjetiva, para além do tradicional colonialismo em que nações dominadoras impunham à força seus interesses e vontades sobre territórios e povos dominados, a noção de modo de vida imperial vem expandir, para todas as facetas da vida e de sua reprodução, o já consolidado conceito de imperialismo.

É com esse grande objetivo que Ulrich Brand e Markus Wissen lançaram a obra “Modo de vida imperial: sobre a exploração dos seres humanos e da natureza no capitalismo global”, originalmente de 2017, mas traduzida no Brasil pela editora Elefante em 2021.

Ulrich Brand é professor e pesquisador na Universidade de Viena, coeditor da revista de política alemã e internacional *Blätter für deutsche und internationale Politik* e foi membro da comissão de trabalho do Parlamento Alemão para o debate de metas de crescimento econômico, prosperidade e qualidade de vida entre 2011 e 2013. Markus Wissen leciona e realiza suas pesquisas na Escola de Economia e Direito de Berlim, é editor da revista de ciências sociais críticas *PROKLA* e codiretor do Instituto de Economia Política Internacional da universidade em que trabalha. Ambos atuaram na Fundação Rosa Luxemburgo e no grupo de pesquisa sobre sociedades pós-crescimento da Universidade Friedrich Schiller de Jena, na Alemanha.

De maneira sintética, o livro aborda o pensamento e as práticas cotidianas – portanto, modo de vida – que sustentam relações de poder desiguais entre os chamados países do centro capitalista e os da periferia, principalmente as relações referentes aos processos de produção e consumo sob o capitalismo, sistema assentado sobre os princípios da competição e da acumulação infinitas que se materializam na exploração dos seres humanos e da natureza.

Enquanto nos países centrais a subjetividade do modo de vida imperial proporciona o benefício da concentração de riquezas e das possibilidades materiais ampliadas para uma melhor condição geral de vida da população, a exportação desse modo de vida para as periferias gera revoltas e frustrações pela própria impossibilidade de sua realização. Isso se dá pelos limites físicos do planeta e pela incapacidade de a exploração socio-natural capitalista suprir as expectativas geradas de que essa qualidade de vida alcance a todos e todas.

Diante desse cenário, os países protagonistas durante os processos históricos de colonização e dominação imperialista se apropriam dos recursos desejados e necessários para a manutenção do seu modo de reprodução social, provenientes muitas vezes dos territórios com amplos patrimônios naturais. Já esses últimos – explorados, degradados e roubados em seus possíveis recursos –, além de não terem acesso às vantagens de seu próprio solo, biodiversidade etc., exportados na forma de matéria-prima, aprofundam-se na crença de que podem igualar o mesmo modelo de desenvolvimento econômico, produtivo e de consumo, enquanto se aprofundam na dependência gerada pelas trocas desiguais do mercado internacional.

Na medida em que mais países e nações buscam se inserir e disseminar o modo de vida imperial propagado pelo centro do capitalismo – altamente baseado na exploração de recursos naturais, na degradação ambiental e na geração de incriveis impactos em escala planetária –, mais evidente fica a contradição entre o movimento global pela homogeneização de toda a sociedade perante uma única forma de sociabilidade e a sua inalcançabilidade. Tanto pelas limitações materiais do planeta quanto pelos princípios de acumulação e geração de mais-valia em que o capitalismo se baseia, onde devem existir explorados e exploradores, social e naturalmente. Portanto, se todos

alcançarem o mesmo patamar civilizatório, estarão desfeitas as proposições que movem o modo de produção vigente.

Brand e Wissen (2021) afirmam que, concomitantemente, enquanto crescem os debates e se amplia o alcance de conceitos referentes à crise ecológica atual, o desenvolvimento econômico e tecnológico responsável por essa situação não cessa de avançar. Primeiro se pensou no “desenvolvimento sustentável”, como uma amálgama das duas partes em conflito. Entretanto, logo se tornou incontornável o fato de que, na abordagem “sustentável”, não eram problematizadas ou discutidas questões como o consumismo, a criação de necessidades artificiais, as práticas extrativistas, a colonialidade persistente ou o modelo de acumulação capitalista como todo.

Como parte dos elementos que não são colocados em pauta para uma verdadeira transformação da situação ambiental contemporânea, os autores apresentam o conceito de modo de vida imperial. Este se refere desde às subjetividades dominantes nas populações de países centrais e periféricos do capitalismo (irradiadas inicialmente dos primeiros), ao modo de consumo cotidiano e às orientações políticas e econômicas que moldam as posturas dos Estados no cenário geopolítico internacional. Posturas essas que aprofundam as desigualdades sociais e a degradação ambiental em busca de uma suposta hegemonia comercial e produtiva que não está ao alcance de todas as nações. Dessa forma, o modo de vida imperial é um dos grandes obstáculos no caminho de mudanças ambientais concretas e significativas para uma melhor qualidade de vida a todos os seres vivos do planeta.

Mas o que define esse modo de vida?

De acordo com esta obra, o modo de vida imperial atinge esferas mais amplas do que a dominação imperialista, mas opera pela mesma lógica. Baseia-se no estabelecimento de um padrão de reprodução social que só se sustenta pela obtenção de matérias-primas e mão de obra barata de outras localidades, no caso os países periféricos que se especializaram/foram obrigados a se especializar nesses tipos de exportação. Igualmente, são esses os países que servem como destinação final dos resíduos e rejeitos das atividades produtivas mais nocivas das áreas centrais, que causam os maiores impactos ambientais e que só são aceitos em alguns territórios pela subordinação promovida pela desigual relação de forças entre os Estados e empresas transnacionais.

Para além da escala estrutural do modo de produção capitalista, o conceito de modo de vida imperial engloba as ações exercidas pelos sujeitos no dia a dia que, por sua vez, estão intimamente conectadas ao funcionamento da estrutura social e de suas trocas econômicas. Ações como a priorização do uso de automóveis, o consumo exacerbado de carne e a aquisição de equipamentos eletrônicos de entretenimento são partes do modo de vida imperial e capitalista que se globalizou a todos os territórios, culturas e grupos sociais nas últimas décadas. Porém, sendo um componente do capitalismo, esse modo de vida está recheado de contradições internas, insustentável em larga escala e irrealizável sem a ocorrência de sérias distorções e desigualdades socioambientais. Podemos afirmar que é parte, como afirmou Santos (2003), de uma globalização perversa.

Apesar de o modo de vida imperial ter seu início nos países europeus ainda no período de colonização – aproveitando-se das amplas práticas extrativistas nos territórios colonizados, como bem descreveram Acosta e Brand (2018) e Araújo (2020) –, é a partir do regime de acumulação econômica do fordismo que tanto a produção quanto o consumo em massa se disseminaram nas populações europeias e estadunidense, entre as décadas de 1930 e 1940. É nesse momento que

o modo de vida imperial finca raízes nas necessidades e desejos cotidianos dos indivíduos, que passam a se preocupar com o tipo de casa onde moram, a diversidade de alimentos consumidos (sempre de maneira farta e voltada à proteína animal), o consumo de novidades tecnológicas e a cultura da locomoção quase que exclusivamente por automóveis.

É firmado uma espécie de acordo entre a classe trabalhadora e os proprietários dos meios de produção, em que a jornada de trabalho é intensa, mas adquire uma regulamentação jurídica estável. Na outra ponta, os salários sobem e o volume de rendimentos dá um poder de compra nunca antes visto aos assalariados. Nesse instante, pela expansão e popularização do modo de vida imperial, é dada continuidade nas taxas de exploração e de degradação nos países periféricos, enquanto se consolida o modelo de vida a ser perseguido tanto pelas elites quanto pelos pobres destes países.

Nas periferias do sistema, a expansão do modo de vida imperial a partir do fordismo nunca chegou a se concretizar da mesma maneira como ocorreu na Europa e nos Estados Unidos. Partes das classes alta e média de países da América Latina, por exemplo, tiveram acesso aos bens de consumo, automóveis e consumo de carne de forma mais corriqueira nas décadas de 1960 a 1980. No entanto, pelas próprias crises inerentes ao capitalismo, o modelo de produção e consumo em massa colapsou antes que pudesse se tornar absoluto. Na sequência, veio o período de acumulação flexível e as práticas político-econômicas neoliberais, com o enfraquecimento do Estado e das políticas sociais (DARDOT e LAVAL, 2016), enquanto se tornaram mais comuns atitudes de privatização e ajustes estruturais para um suposto “equilíbrio das contas públicas”.

De maneira cruel, na prática se reduzem as chances da maioria da população alcançar um modo de vida remotamente parecido com o de amplo consumo que antes existia, mas esse continua como grande objetivo nos corações e mentes das pessoas, principalmente após a década de 1990, com a conquista da subjetividade coletiva por valores meritocráticos e competitivos de um sistema capitalista que se reinventa constantemente.

Nos países periféricos essa é uma situação particularmente preocupante. Nota-se que uma das características do modo de vida imperial é a noção de que os impactos e as consequências ambientais negativas das práticas extrativistas podem ser “externalizadas” para outros territórios que não aqueles que usufruem da produção e do consumo de bens modernos. Como mostram Brand e Wissen (2021), os destinos destas externalizações normalmente são os países de onde as matérias-primas foram extraídas e onde a mão de obra é mais barata. Porém, com o avanço desse modo de vida também para essas localidades, acirra-se a disputa por recursos e elementos naturais e começam a faltar meios de se depositar ou “descartar” os rejeitos gerados.

Nos aproximamos, de forma cada vez mais óbvia, do limite físico-territorial-civilizatório para as práticas extrativistas em relação aos ambientes em que vivemos e que produzimos. A degradação socioambiental se mostra crescentemente insustentável e isso envolve diretamente os usos de materiais extraídos do solo nos processos produtivos e, conseqüentemente, o modo de vida que é baseado no consumo das mercadorias provenientes do sistema capitalista. Envolve diretamente o modo de vida imperial abordado nesta obra.

No contexto brasileiro, o conceito de modo de vida imperial é extremamente pertinente pela recente experiência nacional de tentativa de elevação socioeconômica e redução de desigualdades pela via do consumo (POCHMANN, 2012; 2014). A partir dos governos considerados progressistas

do Partido dos Trabalhadores (2003-2016), foram implementadas políticas de assistência social e acesso ao crédito que modificaram, ainda que timidamente, a realidade material de milhões de pessoas. No entanto, ao invés de essa transformação se dar de maneira estrutural, sólida e durável, ocorreu por um curto período de tempo e de forma absolutamente efêmera.

O amplo acesso ao consumo, não acompanhado pelo fortalecimento de direitos sociais como educação, saúde, segurança, moradia, qualidade ambiental apropriada etc., é um simples desdobramento do modo de vida imperial que encontra solo fértil para se reproduzir na periferia do capitalismo. Por isso mesmo é um avanço parcial e incompleto para a verdadeira emancipação humana, insuficiente para modificar as políticas econômicas e a posição de um país nas relações internacionais de poder, vulnerável às crises periódicas do ciclo de acumulação do capital e insustentável perante os limites físicos-territoriais do planeta e à degradação ambiental avassaladora que ameaça de colapso a sociedade como a conhecemos (MARQUES FILHO, 2016).

Diante das insuficientes melhorias trazidas à crise ecológica global pelas alternativas propostas dentro do sistema capitalista, como o desenvolvimento sustentável e o “capitalismo verde”, é preciso pensar e colocar em prática novos modos de vida que (re)criem os espaços geográficos, hoje saturados e degradados. Nas palavras de Brand e Wissen (2021), modos de vida mais solidários. Em “Modo de vida imperial...”, os autores contribuem significativamente nessa direção, apresentando e detalhando um conceito, contemporâneo, que engloba todos os espectros de nossas vidas, os processos produtivos e a maneira como a sociedade se reproduz, assim como elementos indispensáveis para pensarmos alternativas emancipadoras e passíveis de serem materializadas. Portanto, alternativas que contestem a hegemonia e a vigência do atual modelo de trocas econômicas, de produção e de acumulação desigual de poder e bens materiais.

Submetido em 1º de junho de 2021.

Aceito para publicação em 31 de agosto de 2021.

Referências

- ACOSTA, A.; BRAND, U. **Pós-extrativismo e decrescimento**: saídas do labirinto capitalista. São Paulo: Elefante, 2018.
- ARÁOZ, H. M. **Mineração, genealogia do desastre**: o extrativismo na América como origem da modernidade. São Paulo: Elefante, 2020.
- BRAND, U.; WISSEN, M. **Modo de vida imperial**: sobre a exploração dos seres humanos e da natureza no capitalismo global. São Paulo: Elefante, 2021.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MARQUES FILHO, L. C. **Capitalismo e colapso ambiental**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.
- POCHMANN, M. **Nova classe média?** O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.
- POCHMANN, M. **O mito da grande classe média**: capitalismo e estrutura social. São Paulo: Boitempo, 2014.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.